

— Você já se perguntou por que existimos?

A pergunta flutuou no ar, suave e densa ao mesmo tempo, como uma bruma de pensamentos antigos.

Deitado na biocama da enfermaria da *UPC Ragnarok*, Jorian Rot não esperava uma resposta imediata. O Conselheiro-Chefe do planeta Juliet fixava o olhar no teto translúcido, onde as luzes pulsavam em tons mornos. Seus olhos, escuros como o vazio entre as estrelas, não refletiam o ambiente — apenas o absorviam.

— Faça isso desde que tomei consciência de minha existência — continuou. — Existir, para nós Juliets, é diferente de vocês... densos. A ideia de "ser" é feita de contemplação e vibração em uma ressonância energética que vocês ainda não alcançaram.

A cama ao lado emitiu um leve som quando Alexander Bloop se virou. O embaixador de Canopus, ainda coberto por uma poeira fina e salina, carregava nos ombros o peso recente de uma tragédia. A capital de Larantis havia sido engolida por um terremoto colossal. Ele e Jorian haviam escapado por um fio. Alexander o havia carregado nos braços através dos escombros. E, ali, naquela enfermaria silenciosa, um laço havia começado a se formar.

— Mas... — Alexander, com a voz grave tingida de curiosidade — sua raça é espiritual, energética. Não tem uma forma física definida. Apenas quando se materializam, como você está agora. Uma vida insubstancial tem suas limitações, que vocês parecem ter driblado com alguma maestria, certo?

— É complexo para um denso entender — Jorian, voltou os olhos para o amigo. — Mas enquanto me carregava, você sentiu como minha forma ectoplasmática é densa o suficiente para interagir com o mundo físico.

Alexander sorriu de lado, lembrando-se da sensação.

— Sem dúvida. Algo... meio aveludado. Mas manter essa forma parece exigir muito de você. Vejo no seu painel, está mais fraco agora.

— Para a maioria de nós, sim. Mas estou acostumado. Consigo manter essa forma em ambientes propícios. Enfraqueci muito em Larantis, por causa das emoções. Tristeza, violência... esses sentimentos criam interferência na nossa ressonância energética. Nos desestabilizam.

— Interessante... — Alexander ajeitou-se melhor, apoiando-se no cotovelo para encará-lo. — Mas me diga, esse seu questionamento sobre a existência... você o teve desde criança? Isso não é comum entre os Juliets?

Jorian hesitou por um instante. As luzes da enfermaria dançavam suaves em sua pele translúcida. Seus pensamentos pareciam vagar para outro tempo. Alexander esperou. Ele precisava ouvir algo. Sentia-se despedaçado desde a morte de Hathas Alvionre. Precisava se ancorar em uma história, uma presença, algo que o fizesse sentir-se vivo de novo.

— Eu... — começou Jorian, com a voz mais suave — eu não nasci como vocês, densos. Para nós, a concepção é uma doação. Um casal se une por uma ressonância espiritual comum. Essa ressonância os conecta por toda a vida, até que decidam encerrar sua jornada. Quando percebem que são capazes de gerar um novo Juliet, cada um doa uma

fração de sua energia essencial. A união dessas essências gera um novo ser, ainda indefinido, que carrega traços emocionais e memórias dos pais. É então levado aos Berçários de Luz, onde, ao longo do primeiro ano, molda sua própria personalidade.

Alexander franziu o cenho, assimilando a ideia.

— Como uma cissiparidade... nos seres biológicos — murmurou, pensativo. — Mas... vocês têm forma infantil?

— Claro. As crianças são parte essencial da nossa sociedade. Eu mesmo fui uma criança... diferente. Pensava demais. Em nosso mundo, todos somos conectados à ressonância das estrelas — especialmente à nossa estrela, que vocês chamam de Segin. Para nós, ela é Karata, o deus supremo da criação.

Jorian olhou para cima como se pudesse vê-la além das camadas de metal e silício da nave.

— Meus pais chamavam-se Elain e Siltania. A ressonância entre eles era antiga, mas jamais haviam sentido o chamado para gerar um novo Jul. Eram médicos. Espíritos elevados como nós também adoecem — não no corpo, mas na alma. E eles ajudavam outros espíritos a encontrarem o caminho de volta a Karata. — Ele fechou os olhos por um instante, como se quisesse invocar os rostos. — Um dia, um espírito de criança apareceu nas matas ao norte. Estava ferido... sua alma ainda primitiva, talvez traumatizada por morte violenta. Siltania, minha futura mãe, foi quem conseguiu acalmá-lo. Cuidou dele com tanto amor, que sua ressonância despertou. E Elain também a sentiu.

A voz de Jorian suavizou-se, quase como um sussurro.

— Depois que o menino partiu, levado pelos Mensageiros do Caminho, Siltania olhou para Elain e disse: "Eu senti." E Elain respondeu: "Também senti, meu amor. Estamos prontos."

Alexander sorriu com ternura, imaginando a cena. Os dois Jul, unidos pela energia sutil do amor, preparando-se para um passo eterno.

— Eles se retiraram por um tempo — continuou Jorian — e, sob a luz de Karata, conceberam-me nos Campos da Vida. É um lugar sagrado, florido, à margem do lago Kusti. Cada novo Jul recebe ali sua cabana etérea. Quando o nascimento acontece, todos se reúnem em festa. A casa — ou o que vocês chamariam de casa — se enche de parentes, avós, irmãos, todos em luz.

— E seu nome?

— Jorian. Escolhi meu sobrenome mais tarde. Não temos um por padrão. Cada um escolhe o seu, ligado àquilo que ama. Rot foi o nome de um animal denso que conheci, mas o que chamou a atenção da minha família na minha apresentação foram meus olhos, incomuns para nossa raça.

Alexander se levantou e se aproximou, intrigado.

— Olhos pretos. Ora, ora...

— Sim — Jorian, arregalou os olhos, como se os exibisse. — Olhos pretos, curiosos e questionadores.

— Continue, amigo — pediu Alexander, puxando uma cadeira e sentando-se ao lado.

— Na minha apresentação à família, todos se espantaram. Meus avós paternos ficaram visivelmente perturbados — embora tenham negado depois. Eu os acompanhava de perto, sem dizer uma palavra.

Minha mãe tentava me incentivar a interagir. Mas eu queria entender. Quem eram? Por que estavam ali? Suas formas, seus gestos, tudo me intrigava. E comecei a perguntar. Muita pergunta.

Jorian era circunspecto, mas se permitiu um pequeno sorriso.

— Eles foram embora mais cedo, acho que assustados. "Jorian vai ser um questionador", dizia Elain — ele me contou mais tarde. E Siltania respondia: "Nós dois também somos."

Jorian fez uma pausa. Seus olhos se suavizaram.

— Uma vez, os vi ao entardecer, banhados pela luz branca de Karata. Eles estavam lindos. E foi ali que sincronizei com eles. Meu amor por eles nasceu naquele instante. E dura até hoje.

Alexander, emocionado, questionou em voz baixa: — Eles ainda estão vivos?

— Ah, sim. Estão em Bubilas, ainda como médicos. Nós não morremos como vocês entendem a morte.

O rosto de Alexander escureceu, seu peito pesou.

— Será que Hathas... será que ele foi para um desses campos?

Jorian pousou a mão em seu ombro, levantando-se da biocama.

— Tenho certeza de que ele transcendeu. Ele ajudava almas, confortava dores. Provavelmente está sendo cuidado em um plano superior. Vai ficar bem.

— Ei, ei! — a voz do Dr. Tyran Alheus interrompeu, surgindo ao fundo da enfermaria. — De volta para a cama, os dois. Só estão de alta quando eu disser.

Jorian fez uma careta enquanto Alexander riu por ter sido pego no flagra e ambos se deitaram. Os bipes das biocamas voltaram a tocar em seu tom baixo e constante, como um coração eletrônico que, silenciosamente, os embalava de volta à vida.

— Vamos. Vocês dois podem voltar a seus aposentos. Vou precisar dessas biocamas para canopulanos resgatados. Estão ótimos! — Dr. Tyran falava enquanto olhava os monitores da biocama de Alexander e Jorian.

— Obrigado, doutor — despediram-se ambos.

Seguiram para seus quartos; precisavam de repouso depois de tudo o que aconteceu.

— Nos vemos depois, Conselheiro Rot. Em breve estaremos em Juliet. Gostaria de continuar nossa conversa... num momento mais apropriado. Agora, há muito o que fazer por meu povo.

— Embaixador, não esquecerei o que fez por mim. E espero que nossa conversa não demore. Juliet também está disposta a estender a mão ao seu planeta — se assim permitirem.

Caminhavam lado a lado pelos corredores luminosos da *UPC Ragnarok*, os passos ecoando suaves no piso metálico. Pararam em frente aos seus aposentos, e por um instante, apenas se entreolharam — dois sobreviventes carregando cicatrizes invisíveis.

— Ficaremos honrados em recebê-los. Toda ajuda é bem-vinda neste momento — Alexander fez aceno respeitoso.

Horas depois, a *Ragnarok* adentrava a órbita da pequena lua Juliet, planeta natal do Conselheiro Rot.

— Conselheiro, espero que esteja se recuperando bem, dadas as... circunstâncias — saudou o Primeiro Oficial Comandante Lukin Gar II, à frente da nave.

— Agradeço a carona, Comandante. Estou bem. Só preciso retornar e... recarregar as energias. Desejo-lhes uma boa viagem de volta — Jorian, com sua voz serena e grave despediu-se com educação.

Ele seguiu para o teleporte. O comandante assentiu discretamente e ordenou:

— Energizar.

O brilho envolveu Jorian, e num lampejo sutil, ele se foi.

A luz suave do entardecer banhava o campo quando ele materializou-se nos arredores da casa. Assim que seus pés tocaram o solo fértil de Juliet, sentiu a densidade de seu corpo dissolver-se levemente, como se fosse absorvido pela ressonância do planeta.

— Pai! Que bom que voltou bem! — exclamou uma voz familiar.

Amber, com seus cabelos etéreos da cor do mel e olhos verde-turquesa, aproximou-se com leveza. Encostou a testa à do pai com ternura — um gesto tradicional de saudação.

— Estamos sabendo do que aconteceu em Canopus... Alguns poucos já apareceram nos campos.

— Minha querida Amber — Jorian, pousou suas mãos sobre as dela. — Estou bem. Mas não posso dizer o mesmo dos nossos irmãos canopulanos. Já imaginava que alguns viessem encontrar abrigo por aqui. Espero que tenham achado o caminho. — Fez uma pausa breve, como quem pondera antes de revelar um pensamento. — Estava pensando em enviar médicos para Canopus. Ajudar os feridos. Foi graças a um deles, o Embaixador Bloop, que estou aqui com você agora.

— Ótima ideia, meu pai. Posso reunir uma equipe. Ficarei honrada em liderá-la. E... gostaria de conhecer o embaixador pessoalmente.

— Então prepare tudo. Iremos o quanto antes. Mas agora... vamos para casa. Preciso repousar. Permanecer substancial por tanto tempo me exauriu. Há... um assunto que precisa de reflexão, mas isso virá depois.

Ele ofereceu o braço a ela, e os dois caminharam em silêncio, enquanto a brisa da tarde os envolvia.

A casa era simples, funcional e aberta aos elementos, próxima às águas tranquilas do lago. O aroma suave de jasmim perfumava o ar. No jardim, Elema cuidava das plantas, sua presença tão leve que quase não tocava o chão. Seus cabelos longos dançavam com o vento, e seu sorriso abriu-se ao ver o marido.

— Que bom que voltou bem, Jorian. Estávamos preocupados com tudo o que soubemos. Oramos muito a Karata por sua proteção naquele mundo tão distante.

Ela encostou a testa na dele, selando o reencontro com um gesto de luz e ressonância.

— Estou bem, minha flor. Mas cansado. Amanhã volto ao Conselho.

— Venha. Preparei um espaço para você no jardim. A luz de Karata está suave hoje.

Elema o guiou por entre o jardim exuberante. No centro, uma rede fina como névoa pairava entre duas árvores delicadas. Jorian deitou-se nela. O calor da estrela o envolveu como um abraço antigo. Fechou os olhos. Silenciou.

Na manhã seguinte, com as energias restauradas, Jorian dirigiu-se à Comunhão — o Conselho dos 306. Um campo amplo, coberto por relva úmida e cercado de criaturas pacíficas. Não havia muros, apenas harmonia. Ali, sob o céu diáfano, os Jul decidiam os caminhos de sua civilização.

Jorian, em pé sobre uma elevação sutil, tomou a palavra com a compostura que lhe era própria.

— Meus irmãos... Após os acontecimentos em Canopus, compreendi melhor a natureza da UPC. Posso afirmar, com serenidade, que há intenções nobres entre os seus planetas. Mas também notei as forças obscuras que ainda se alimentam de guerra e destruição. Eles precisarão de guias — e podemos ser esses guias.

Fez uma pausa breve.

— Proponho que, como primeiro gesto, enviemos uma equipe médica para auxiliar o povo de Canopus. Vivencie sua dor. Não podemos permanecer inertes.

A votação foi unânime. Era da natureza dos Jul aliviar o sofrimento alheio.

— A equipe será liderada por Amber, minha filha — anunciou. — Uma das mais capacitadas entre nós.

Alguns murmúrios de aprovação correram pelo campo. Jorian, então, prosseguiu:

— Quanto ao convite do Presidente Varlan para nos unirmos à UPC, permanecerei em observação. Os desdobramentos dos eventos em Canopus ainda precisam ser compreendidos. Agradeço a todos pela presença.

Após o discurso, retirou-se calado. Amber o acompanhava, preocupada.

— Pai... você se enfraqueceu novamente. O que está carregando com você? Algo o está consumindo.

Ele não respondeu de imediato. Apenas seguiu caminhando.

— Conheço esse olhar — insistiu ela. — Preciso examiná-lo.

— Os eventos em Canopus foram... profundos. Preciso de mais tempo em meditação. Não se preocupe, Amber. Vá preparar sua equipe.

Tentou apressar o passo, mas ela o seguiu.

— Tudo bem. Mas só vai se eu fizer um exame completo! — desconfiada que o pai escondia algo.

Jorian acenou, sem se virar. Estava exausto.

Ao chegar em casa, cambaleou. Elema correu para apoiá-lo.

— Jorian! O que houve?

— Vamos à rede... — murmurou. — Preciso falar.

No jardim, deitou-se novamente. A luz de Karata filtrava-se pelas folhas.

— Em Canopus... — começou ele, com os olhos fechados, a voz embargada — ...fomos capturados por rebeldes. Levaram-nos para uma cela. Quando percebi que não havia outra saída, tornei-me insubstancial. Alcancei o guarda. Era um jovem, Elema... muito jovem.

Ela sentou-se ao lado dele, serena.

— Eu o toquei, para colocá-lo para dormir. Mas... senti seu medo. Tinha uma companheira grávida. Estava na rebelião por desespero. O medo dele... me invadiu. Fiquei fraco. Entreguei as chaves ao capitão Muriell, e desmaiei.

A voz quebrou, sentindo-se cansado.

— Depois... o terremoto. O chão se abriu. Ele ficou lá, sozinho. Morreu. E fui eu que o deixei ali. Fui... eu.

Jorian chorou. A dor era discreta, mas irreversível. Uma culpa silenciosa, como uma cicatriz na alma.

Elema acariciou seus cabelos com ternura.

— Jorian, meu amor... você não podia saber. Mas compreendo o que sente. Vá até lá. Preste homenagens. Dê luz a essa alma. Ajude-o a seguir o caminho.

Beijou sua testa. Ele não respondeu. Mas, em sua mente, um pensamento germinava: *Sim, Elema tem razão... mas ainda assim fui responsável. Preciso reparar.* E, no fundo, uma inquietação crescia.

*Talvez ele ainda esteja lá... preso... esperando uma chance de salvar o filho.*

A calma voltou devagar. Mas a marca... a marca ainda ardia, e talvez aquela cicatriz jamais se curasse.

Duas semanas depois, a equipe de médicos de Juliet, liderada pela Dra. Amber Rot, seguia rumo a Canopus. Os Juliet não possuíam naves espaciais, mas a UPC cedeu uma para buscá-los. O Conselheiro Rot e sua esposa Elema seguiam com eles.

— Não é porque você está bem que não estou de olho em você, pai — avisou Amber, olhando seriamente para Jorian, agora em sua forma substancial e vestindo as típicas roupas cerimoniais de um conselheiro-chefe.

Ele apenas piscou para ela. Amber, por sua vez, trajava o uniforme médico da UPC. Os Juliet não usavam roupas, mas ao assumirem uma forma ectoplasmática, era prudente vestirem-se para não assustar outras raças. Jorian pensou:

*“Talvez ela queira seguir com seu trabalho ao lado deles. Sempre foi a maior defensora da UPC em nosso planeta.”*

A órbita de Canopus estava congestionada. Naves da UPC transportavam cientistas, médicos, voluntários e suprimentos. As buscas haviam terminado, mas milhares ainda precisavam de alimento, abrigo e consolo. Os cuidados médicos eram coordenados pelo Dr. Tyran Alheus, o imperador antariano que abdicara do trono para cuidar dos doentes.

A equipe de Juliet foi recebida pelo Embaixador Alexander Bloop na cidade improvisada na ilha de Poleen, onde outrora existira uma robusta metrópole, devastada pelo tsunami.

— Que bom reencontrá-lo, Conselheiro. Vejo que está bem melhor — cumprimentou Alexander com sincera alegria.

— Meu amigo Alexander. É bom vê-lo novamente. Esta é minha esposa Elema e minha filha Amber — apresentou.

— Bem-vindas. Dra. Amber, você é a líder dos médicos. Preparamos uma área para senhora e sua equipe. Senhora Elema, desculpe as acomodações, ainda estamos num processo lento, mas constante.

— Obrigada, Embaixador. Já vou assumir meu posto — Amber, retirou-se com seus trinta companheiros Juliet, iniciando os atendimentos imediatamente.

— Embaixador, não se preocupe. Posso ajudar de alguma forma. Não sou médica, mas posso ser útil em outras tarefas — salientou Elema.

— Claro. Toda ajuda é bem-vinda.

— Vou me juntar a Elema, Alexander. Mas antes, uma pergunta: é possível visitar os escombros da cidade submersa?

— Você quer ir até lá? — estranhou Alexander.

— Se não houver impedimento...

— Não... claro que não. Providenciarei isso.

— Obrigado, meu amigo — Jorian apertou levemente o ombro de Alexander antes de se retirar para ajudar na distribuição de alimentos.

Alexander observou-o se afastar, intrigado.

*"Ir até lá embaixo? O que se passa em sua mente? Parece... ferido."*

O dia se despedia. Holofotes foram acesos na cidade improvisada. Amber e Elema, desconfortáveis com a escuridão, recolheram-se à tenda. Jorian ainda conversava com lideranças, oferecendo conselhos e conforto.

— Jorian, consegui um aquamóvel para levá-lo até os escombros da cidade — informou Alexander, exausto, com seus óculos escuros e roupa de proteção.

— Pode me acompanhar? Gostaria que fosse você a conduzir. Ambos temos homenagens a prestar.

Alexander pensou por um instante.

— Tem razão. Acho que já fugi disso por tempo demais. Vai ser uma honra acompanhá-lo.

Entraram no aquamóvel, um veículo de resgate equipado com braços robóticos. Jorian trazia dois ramalhetes preparados por Elema. Sentou-se, taciturno. O veículo submergiu balançando. A escuridão do mar provocava arrepios. Os Juliet temiam a penumbra e os canopulanos a luz intensa, mas Jorian manteve-se firme. Alexander, percebendo o desconforto, acendeu todos os faróis.

— Obrigado, Alexander — Jorian mostrou-se grato pelo cuidado do companheiro de viagem.

A dez minutos da submersão, surgiram os primeiros destroços. A cúpula de vidroação destruída, ruínas e entulho. Ao fundo, a fenda que engolira Larantis.

— Vamos ao antigo Palácio? — Alexander, desconfiava de onde o companheiro queria ir.

— Exato. Tenho contas a acertar.

— Eu também — Há muito tempo Alexander não pensava nesse momento triste.

Jorian entregou um ramalhete.

— Este é para Hathas. Sei que era seu amigo.

Alexander segurou as flores com emoção.

— E o outro?

— Para o jovem rebelde... aquele que fiz adormecer.

Alexander compreendeu. Jorian sentia-se culpado. O jovem não morrera por sua mão, mas fora deixado para trás.

— Foi minha responsabilidade, Alexander. Senti seu medo. Ia ser pai... Talvez tenha sido. Nunca saberei. Mas ficou lá. Sozinho.

O silêncio pesou. Alexander pilotou até os destroços do palácio. Depositou os ramalhetes com a ajuda das pinças, fixando-os com uma pedra. Jorian desligou o tradutor e proferiu uma oração em sua língua natal. Alexander despediu-se em pensamento. Ambos choraram.

---

Meses se passaram. O Grande Pináculo foi erguido — um monumento que se erguia do fundo do oceano até a superfície, com um farol eterno em sua ponta. A inauguração foi solene, assistida da *Ragnarok* por líderes e sobreviventes. Quando a noite caiu, um jantar uniu sobreviventes, voluntários e autoridades.

Na praia, Jorian observava o mar quando Alexander se aproximou.

— Tudo bem, meu amigo?

Jorian assustou-se. As luas brilhavam, mas a escuridão ainda o inquietava.

— Sim, sim. Estava contemplando a beleza do mar. Sabe, há um lago próximo à nossa capital, em Juliet. Minha casa fica em suas margens. Imenso... nunca conseguimos ver o outro lado. Vivi minha maior aventura ali.

— Histórias! Quero ouvir essa — Alexander, sentou-se na areia como uma criança que aguarda o pai.

Jorian olhou com curiosidade. Eram diferentes. Alexander, sempre sorridente. Ele, circunspecto como todo Juliet. Não compreendia bem o humor, mas sabia valorizar a amizade.

— Tudo bem... vou contar essa também.

E começou a narrar, sob o som do mar e o brilho das luas.

— Eu já era um jovem rapaz quando me aventurei sozinho pela primeira vez. Não havia perigos mortais para nós em nosso planeta, mas, ainda assim, nossos pais se preocupavam com essa possibilidade. Apesar dos avisos, eu sempre fui teimoso. Interessava-me explorar, descobrir o que havia além da nossa cidade, além da nossa própria existência. Por que éramos daquele jeito e nosso planeta, todo físico? Por que precisávamos mudar nossa essência para tocar aquele lugar fabuloso?

— Pois bem, determinado, saí pelas pradarias e fui até a margem sul do lago Kusti, já distante de casa. Ali encontrei um pequeno barco feito de madeira. Não era de nossa civilização — provavelmente, de algum visitante estrangeiro. Tornei-me sólido e entrei no barco com a intenção de atravessar o lago.

— Entenda, esse tipo de aventura e encontro com densos pode ser perigoso. Nossa lua, vez por outra, era visitada por alienígenas que vinham caçar — com tecnologia avançada —, mas nunca se aproximaram da nossa cidade. Foi imprudente da minha parte usar o barco, mas eu estava curioso para saber quem estava por ali.

— Então outras raças já visitaram seu planeta?

— Sim. Sempre apareceram um ou outro.

— Quando cheguei à margem mais ao sul, avistei ao longe uma nave espacial pousada em uma região descampada. E, à distância, percebi algumas silhuetas altas. Não sei realmente quem eram, pois, pela primeira vez, eu senti medo. Vi-me ali sozinho. Ainda assim, sentia um ímpeto de ir até lá e observar melhor. Só havia uma maneira de fazer isso: tornando-me imaterial.

— Nossa aparência imaterial pode ser assustadora para algumas culturas, que nos imaginam como fantasmas dos mortos. Não pensei nisso, apesar dos alertas de meu pai. Apenas segui — com medo, mas segui. E foi a pior das sensações. A raça que estava ali se assustou com minha presença. Achei que estivesse escondido, mas eles me viram — e talvez tenham mesmo me confundido com um espectro. Desesperaram-se, gritaram em sua língua natal e fugiram para dentro da nave.

Alexander riu da situação, mas Jorian ficou sério e comentou meio sem graça: – Eles tinham medo de fantasmas como os canusianos!

- Mas não somos fantasmas, Alexander. — Veja bem, fiquei desolado. Acreditava que éramos de uma existência sublime, mas a visão da nossa aparência foi aterradora para eles. Eles eram parecidos conosco, mas com aparência densa. Não eram tão altos quanto pensei; na verdade, eram bem baixos — da altura de crianças —, mas eram adultos com aquele tamanho. Fiquei pensativo por muito tempo tentando entender a concepção de sólidos e imateriais. Já tinha estudado — e ainda estudo — sobre nossa existência, mas por que outros não chegaram a esse tipo de estado? Éramos uma exceção à regra, e isso me deixava intrigado.

- Será que vocês são uma exceção? Dizem que os goodlesianos também são feitos de energia pura, mas preferiram tomar um corpo sólido para interagir com outros – acrescentou Alexander.

- É dizem isso, ainda não formei uma opinião pois não tive oportunidade de uma conversa mais longa com eles, mas terei. Continuando...

— Quando voltei para casa, já era tarde da noite. Meus pais estavam preocupados e me esperavam à porta. Bom, imagino que saiba como um pai e uma mãe repreendem um filho fujão. Fiquei um tempo sem acesso à leitura. Proibiram-me de ir à biblioteca e tive que vir direto da escola para casa.

— Achei justa a bronca — disse Alexander. — Você era bem aventureiro... Mas o que tirou disso?

— Ah, sim... Foi esse evento que modificou minha ideia de civilização. Teci minha própria teoria. Passei a crer que estávamos nesse nível de evolução para ajudar outros. Que não devíamos ficar isolados naquele planeta. Tínhamos que expandir, levar nossa filosofia, nossas bênçãos e palavras aos densos. E então parti para colocar em prática essas ideias.

— Foi nesse momento que surgiu o Conselheiro — pontuou Alexander.

Silenciosa e elegantemente, Elema se aproximou: — Vamos nos recolher, meu amor?

— Sim, vamos. Bom descanso, meu amigo. — Jorian levantou-se e sacudiu a areia acumulada na roupa.

Era hora de retornar à sua aparência incorpórea. Eles não dormiam, mas podiam repousar enquanto a luz do sol não nascia, recuperando as forças. Alexander permaneceu ali, sentado na areia, observando as luas. Ao longe, o dorso de um *levisal* brilhou sob a luz, nadando rumo à escuridão. Levantou-se, tirou a areia do corpo e seguiu para sua tenda a fim de descansar.

Nova Larantis ainda estava em reconstrução. Alexander dividia a liderança do governo provisório com uma junta, até que novas eleições fossem convocadas. Certa tarde, Jorian veio se despedir.

— Meu caro amigo Alexander. Estou de partida. Tenho muitos assuntos a tratar com meu povo — cumprimentou com uma reverência na sala improvisada da tenda de Alexander.

— Sinto escutar isso, meu amigo. Sua presença aqui com sua família foi acalentadora. — Alexander, com seus óculos escuros, parecia mais um astronauta.

— Amber vai ficar. Acho que ela se apaixonou pelo trabalho com vocês.

— Realmente, a doutora está sendo fundamental.

— Vim me despedir... e fazer um convite. Está se aproximando uma importante tradição do meu povo, e gostaria de convidá-lo a passar esse tempo conosco em Juliet. — Jorian estava incerto se o amigo aceitaria, afinal era uma celebração à luz. — Devo lembrá-lo que nosso mundo, a atmosfera pode ser tóxica para você, um implante respiratório vai ser necessário.

— Por todos os oceanos! É claro que vou! Será uma honra para mim! — Encantado, Alexander abraçou Jorian, que timidamente retribuiu.

— Estamos acertados. Avisarei por holomensagem. Que a luz de Karata o guarde, meu amigo. Até nosso próximo encontro — despediu-se.

No prazo de um ano, o convite chegou. Alexander estava ansioso desde que o recebera. Ia conhecer o planeta Juliet — algo que ninguém da UPC ainda havia feito. Preparou suas malas: muito protetor solar, vários óculos de sol e roupas adequadas para um lugar tão luminoso. Nenhum canopolano estava acostumado com isso, mas ele suportara Goodles com sua luz intensa — por que não suportaria Juliet? Afinal, um convite de um amigo não se recusa!

Em uma semana, chegou com sua nave particular ao planeta Juliet. Foi recepcionado pelo próprio Jorian.

— Bem-vindo, meu amigo. Sua presença muito nos engrandece. — Jorian estava em sua forma sólida.

Nada ao redor, no entanto, parecia sólido. Alexander o abraçou com a ternura de quem não via um amigo há um ano. O embaixador observava tudo com atenção, por trás dos óculos escuros especiais que usava. Havia solicitado lentes feitas pelos goodlesianos, capazes de dar mais estrutura a coisas insubstanciais — e não apenas a aparência fantasmagórica. Se olhasse normalmente, veria apenas um grande campo. Mas, com as lentes, estava dentro de uma cidade etérea — cheia de casas, ruas, passarelas, prédios e estruturas de todo tipo. A cidade estava viva, repleta de Juls caminhando de um lado a

outro. Iluminada pelo sol esbranquiçado, seus espectros espirituais podiam ser vistos, dependendo do ângulo da luz. Fora isso, talvez ninguém os percebesse. Até mesmo os veículos eram insubstanciais. Maravilhado, Alexander sorriu. Estava realmente fascinado.

"*Que civilização!*", pensou.

Jorian percebeu o deslumbre do amigo e o guiou pelas ruas imateriais.

— Tivemos que fazer uma pequena adaptação à minha casa para acomodá-lo. Como percebeu, nosso mundo é assim — insubstancial, embora estejamos em um planeta sólido. Construímos, ou melhor, pagamos para construir uma casa realmente sólida para que você possa se hospedar. Acredito que esta será a primeira, mas estamos deliberando no Conselho a construção de um edifício para hospedar visitantes da UPC. — Jorian falava enquanto Alexander rodopiava, encantado, como uma criança em um parque de diversões.

Ainda assim, prestava atenção às palavras do amigo.

— Sim, acho que é uma excelente ideia. Jorian, como pode uma civilização inteira ser assim? É maravilhoso! — dizia, estupefato, olhando tudo ao redor.

— Aqui temos tudo de que precisamos. Venha, vamos conhecer minha casa... e a sua. — Jorian voltou à sua forma espectral.

Ao vê-lo mudar, Alexander comentou: — É a primeira vez que te vejo em sua verdadeira forma.

— Acho que não precisamos mais de disfarces. Você já compreende — e conhece — bem a cultura do meu povo.

Ao entrarem na casa de Jorian, Alexander foi arrebatado pelo odor das flores e pela aura harmoniosa do lugar. Elema veio cumprimentá-lo em forma sólida e tocou levemente sua testa na dele. Era a primeira vez que Alexander recebia um cumprimento Juliet.

— Bem-vindo à nossa casa — Elema, abrindo os braços para o lar espectral que dava para um imenso lago e jardim.

— Vou levá-lo à casa que construímos. — Jorian seguiu à frente, contornando a casa. Alexander, atento, observava tudo. Adjacente, viu uma construção de pedra. A porta aberta revelava um cômodo amplo, arejado e iluminado.

— Calma, fiz tudo da melhor forma para que possa se sentir em casa — Jorian, já novamente sólido, puxando as persianas e deixando o cômodo em uma escuridão aceitável. — Veja, aqui tem um acesso direto ao lago, caso queira nadar. Não se preocupe — não há animais perigosos por aqui.

— Posso realmente nadar nesse lago? — Alexander estava incrédulo.

— Mas é claro! O planeta também é sua casa. Não é exclusividade nossa. Vou deixá-lo se acomodar. Encontramo-nos para o jantar à beira do lago.

— Obrigado, meu amigo!

Jorian saiu, puxando a porta para que Alexander se sentisse à vontade. Elema o esperava do lado de fora.

— Você acha que ele gostou? — curiosa, tentava ver alguma coisa.

— Acredito que sim. Ele estava com aquele sorriso o tempo todo. — Jorian olhou rapidamente por sobre o ombro e viu Alexander dentro do cômodo explorando o lugar... e entrando, de roupa e tudo, no túnel de água. — Acho que ele, na verdade, amou a ideia do túnel!

Horas depois, os três se encontravam ao redor de uma pequena mesa sólida, esculpida em rocha esverdeada — um tributo delicado ao amigo Alexander. A mesa, posta com esmero, exibia iguarias típicas de Canopus, já que os Juls não se alimentavam fisicamente. O convidado chegou vestido de forma simples. Como o entardecer já se anunciava, estava sem os óculos. Ao avistar a mesa, sorriu com genuíno encanto.

Jorian e Elema o aguardavam sentados, as mãos entrelaçadas sobre a pedra fria. Uma leve brisa soprava do lago, enquanto o sol mergulhava no horizonte, tingindo o céu com tons suaves de rosa e lilás. As primeiras estrelas começavam a pontilhar o firmamento. Tochas delicadamente acesas iluminavam o espaço ao redor — não muito claras, nem muito escuras — criando um ambiente acolhedor e respeitoso às naturezas tão distintas das raças ali reunidas.

— Espero que aprecie o jantar, Alexander. Tivemos que pedir uma ajudinha à Amber, lá em Canopus — Elema, levantou-se com leveza e puxando uma cadeira para o convidado.

— Acredito que conseguimos reunir os pratos mais representativos do seu planeta — completou Jorian, observando a mesa com atenção.

— Realmente... há coisas aqui que não como há séculos — comentou, seus olhos marejados por lembranças. — Bom, é uma maneira de dizer.

— Pode se servir à vontade — Elema mostrou os pratos. — Tudo foi preparado para você.

Enquanto Alexander se deliciava com os sabores do seu mundo natal, conversavam sobre trivialidades. Jorian e Elema permaneciam de mãos dadas, conectados em paz e afeto.

— Mas me contem... como vocês dois se conheceram? — Alexander estava encantado com a ternura evidente entre o casal.

Jorian riu suavemente, apoiando os cotovelos sobre a mesa.

— Ah, mais histórias, meu caro Alexander. Como disse certa vez em Canopus, minha aventura com os densos me moldou profundamente. Depois disso, mergulhei nos estudos — como meus pais, estudei medicina. Mas fui além: estudei tanto a medicina da alma, que é nossa especialidade, quanto a dos densos.

Elema o olhou com carinho, sabendo exatamente onde a história os levaria.

— Apesar do conhecimento técnico, eu nunca havia tido experiência prática. E isso era essencial para alcançar o que eu buscava. Como falar dos densos sem vivenciá-los? Por

isso, quando o Conselho finalmente me autorizou, parti com outros colonos para o planeta Horina, onde mantínhamos uma cidade para auxiliar os habitantes locais — os Horuí.

— Os Horuí são humanoides de pele espinhosa, amarronzada, inteligentes e profundamente religiosos. Para eles, somos espíritos protetores. Nunca interferimos em sua cultura; somos apenas curadores da alma.

Elema continuou, seu tom mais envolvido.

— Mas Jorian não queria apenas curar a alma... — ela sorriu, lembrando — queria também curar o corpo.

— Exato. Eles sofriam com doenças estranhas, sazonais. Muitos morriam por falta de recursos. Eu estava disposto a aprender com eles e a ajudá-los, sem transgredir seus costumes. Na nossa comunidade, não havia apenas médicos, havia também estudantes. E entre eles... — olhou para Elema com ternura — havia essa bela flor do campo.

Elema riu, envergonhada. Seus olhos brilharam.

— Ele era destemido, Alexander. Ia para a selva com sua maleta, em forma sólida, enfrentando os perigos do terreno. Cuidava de guerreiros feridos, crianças doentes, mães prestes a dar à luz... Nossos professores ficavam horrorizados com a ousadia de Jorian. Diziam que era uma afronta, que ele devia ser punido... mas ele tinha a autorização do Conselho — Elema divertia-se com a história. — Mal sabiam eles que estavam preparando o futuro Conselheiro Chefe!

Jorian sorriu, modesto.

— Foi nessa selva que encontrei Elema. Estava estudando plantas nativas. Ela descobriu uma planta curativa, essencial para os males dos Horuí. Ninguém havia pensado nisso antes. Ali, não bastava curar a alma... era preciso cuidar do corpo também.

— Mas não foi amor à primeira vista — Elema, revirou os olhos com humor. — Eu fugia dele. Achava esquisito esse médico andando sólido pela mata, todo arranhado, picado por criaturas... e com aquela barba imensa e o cabelo comprido!

Ela passou a mão pelos cabelos curtos de Jorian, provocando um sorriso nele.

— Sim, eu a seguia. No início, por curiosidade científica. Depois... fui me encantando. A elegância dela, o foco, a luz que irradiava...

— ...Esses olhos tão diferentes... — completou Elema.

— Quando nossos olhares se cruzaram... houve uma ressonância. Escutamos o mesmo som. Vimos a mesma luz. E quando nos tocamos, sentimos a conexão. Minha mãe me explicara como seria, mas... o momento em si... foi muito mais intenso e especial do que qualquer descrição.

— Igualmente para mim — os olhos dela encontraram o dele com ternura.

Alexander os observava com admiração.

— Que lindo... Espero que um dia, quando minha hora chegar, seja assim também — ele mordiscava uma pequena fruta marítima com expressão contemplativa.

— Vai ser, meu amigo — Jorian segurou sua mão com firmeza e afeto. — Você tem a alma dos sublimes.

O céu, agora completamente estrelado, brilhava com a presença imponente de Jordani — o planeta gasoso ao qual Juliet orbitava. Seu brilho preenchia o norte como um farol divino, enquanto ao sul as constelações riscavam o manto escuro com pontos de luz eternos.

— A noite é clara aqui, Alexander — comentou Elema, que agora se tornava etérea. — Nosso planeta-mãe brilha intensamente. Mas acredito que os apetrechos instalados te ajudarão a descansar. Ah, e se quiser dormir dentro do lago... também preparamos uma acomodação.

— Vocês fizeram... uma casa para mim dentro do lago? — Alexander olhou surpreso do casal para a superfície tranquila do lago.

— Se for do seu agrado... — Jorian apontou para um ponto luminoso flutuando sobre as águas. — É toda sua.

— Vocês são realmente incríveis...

— Boa noite, meu amigo. Amanhã, te apresentarei ao Conselho — despediu-se Jorian, de mãos dadas com Elema.

— Boa noite, Alexander. Aproveite sua estadia.

Alexander, calmamente tirou as roupas e mergulhou nas águas cristalinas do lago Kusti. Um frescor acolhedor o envolveu. Era hora de descansar. Juliet era mais do que um planeta: era um lar.

Na manhã seguinte, vestiu-se com seu traje oficial de Embaixador. Sabia que Jorian, como todo Juliet, não dormia. Provavelmente já o aguardava com os olhos voltados ao nascer do sol.

— Bom dia, meu amigo — Alexander, aproximou-se com reverência.

Jorian abriu os olhos lentamente, deitado em uma rede que balançava suavemente entre duas estruturas etéreas.

— Bom dia, Alexander. Que Karata lhe aqueça neste dia. Vamos?

Seguiram juntos, cruzando trilhas imateriais em direção ao campo do Conselho. Ao chegarem, Alexander ficou impressionado. O salão do Conselho erguia-se em meio à natureza, como se brotasse dela. Nada destoava. Era o reflexo da própria sociedade Jul.

— Aqui deliberamos sobre os principais assuntos do planeta — explicou Jorian. — Mas hoje... quem vai falar é você.

— Eu? — Alexander arregalou os olhos, por trás dos óculos escuros. — Mas eu... nem preparei discurso algum!

— Não será necessário, meu amigo. Apenas seja você mesmo. Eles vão fazer perguntas sobre a UPC e sobre como os densos estão ajudando na reconstrução de Larantis.

Engolindo em seco, Alexander assentiu. Um embaixador improvisando? Era raro. Mas confiava em Jorian. Juntos, aproximaram-se de um pequeno morro. Alexander trocou seu óculo pelo de lentes especiais. O salão, antes invisível, revelou-se diante dele: lotado de conselheiros em suas posições. Um calafrio percorreu suas escamas.

Respirou fundo e começou: — Excelentíssimos membros do Conselho... Hoje, não sou mais do que um viajante em sua terra sagrada. Sou hóspede do Conselheiro Rot, e sinto-me honrado por estar entre vocês. Estou à disposição para responder tudo o que desejarem.

Horas se passaram em diálogo. Os conselheiros perguntaram sobre a UPC, os goodlesianos, os antarianos — e o imperador que abdicara para tornar-se médico. Falaram dos capelinos e sua filosofia iluminada. Alexander respondeu tudo com calma, sabedoria e honestidade.

Ao fim, Jorian sorriu.

— Viu? Deu tudo certo. Agora só falta trazermos o embaixador Zustras até aqui... Os canusianos são um enigma para nós. O humor deles, principalmente...

— Ah, sem dúvida! Zustras será um desafio. Eles temem fantasmas! — Alexander gargalhou só de imaginar. — Acho que um canusiano aqui não sobreviveria nem uma hora.

— Pode ser um desastre mesmo... — ponderou Jorian, com um olhar preocupado.

Enquanto voltavam para casa, Alexander perguntou: — Depois que se firmou como médico de sólidos e imateriais... como chegou ao Conselho?

— Ah... isso foi ideia de Elema. Um dos membros mais antigos havia se retirado, entregando sua essência com a esposa. A cadeira ficou vaga. Normalmente, há eleições populares. Eu já era reconhecido, mas minhas ideias sobre os densos eram vistas com desconfiança. Elema acreditava que, dentro do Conselho, eu poderia derrubar essas barreiras com o tempo.

— E conseguiu.

— Coloquei meu nome e, para minha surpresa, fui eleito com a maioria dos votos. Amber já havia nascido nessa época. Nossa única filha. Curiosa, como o pai. Interessava-se pelos densos desde pequena. Elema não se opôs, mesmo sabendo que eu passaria mais tempo fora, agora como Conselheiro.

— E por quanto tempo está no Conselho?

— Já se passaram mais de cinquenta anos como conselheiro. E há oitenta sou Conselheiro Chefe. Um bom tempo... para vocês, densos.

— Uma vida inteira. E... você acredita mesmo que Juliet se unirá à UPC?

— Não sei, Alexander. Há receios. A guerra recente deixou marcas. Um Jul não sobreviveria àquela violência. Teríamos que adaptar nosso mundo... proteger-nos. Os inimigos dos goodlesianos usam forças sombrias que podem nos destruir. Isso assusta.

— Mas você sabe, Jorian... com Juliet ao nosso lado, todos se sentiriam mais seguros. A UPC é, acima de tudo, um pacto de proteção mútua.

— Vamos ver o que o futuro nos reserva — Jorian com serenidade, convidou Alexander a sentar-se à mesa para o almoço.

Foi um mês de contemplação, de conversas profundas e de uma amizade tenra, porém sólida, que floresceu com naturalidade. Alexander estava encantado com o planeta Juliet e a harmonia quase musical de seu povo. Jorian, sempre discreto e ponderado, encontrou no embaixador um verdadeiro amigo, presença constante em seus dias.

Chegou então o dia do que os Jul chamavam de *Abraço Luminoso*. Era o periélio entre sua estrela e sua lua. Para aquele povo, era um momento sagrado. A lua de Juliet orbitava distante de Karata — a gigante azul do sistema — mas sua luminosidade era tão intensa que alcançava até os longínquos sistemas de luas do planeta gasoso Jordani. A cada dezesseis anos, porém, essa dança celeste alcançava seu clímax: a lua era banhada por feixes de luz concentrada, como se o próprio astro rei estendesse os braços em saudação. A população se deleitava nesse evento raro, pois a estrela vibrava em ressonância idêntica à de seu povo.

Juliet não era seu mundo natal. Os Jul haviam migrado de um sistema distante cuja estrela morrera, tornando-se uma anã marrom. Após milhares de anos de travessia estelar, ao alcançarem o sistema de Segin, sentiram-se acolhidos. A luz de Karata os envolveu como uma mãe que reencontra o filho perdido. Por isso, chamavam esse período de “Abraço”. Toda a população reunia-se no grande campo de Lissal — que em sua língua ancestral significava casa — para receber o toque do astro em comunhão silenciosa.

Mesmo avesso à luz intensa, Alexander decidiu participar. Preparou-se da melhor forma possível: óculos escuros de tripla proteção, roupas especiais e camadas generosas de protetor solar — ao ponto de se tornar quase tão esbranquiçado quanto um nativo. Posicionou-se com cautela para a cerimônia, resistindo bravamente.

— Alexander, se isso te causar desconforto, não há vergonha alguma em buscar a sombra de uma árvore — sugeriu Jorian, genuinamente preocupado com a fotofobia do amigo.

— Não se preocupe, Jorian. Esta será uma experiência que contarei aos meus netos! — Alexander mostrou um sorriso firme, quase engessado. Ser embaixador, afinal, não era apenas tratar de política — era viver a cultura de outros povos com o coração aberto.

No instante exato, Karata ascendeu ao céu com um brilho avassalador. Jordani, que costumava dominar o firmamento, empalideceu diante daquela luz sublime. Os Juliet fecharam os olhos e mergulharam em meditação silenciosa, absorvendo o “abraço” como se fossem sementes aquecidas por um sol primordial.

Quando tudo terminou, Alexander exibia uma tonalidade curiosamente mais clara.

— Alexander... suas escamas estão desbotadas! A luz parece ter lhe arrancado a cor — comentou Jorian, surpreso ao vê-lo ainda coberto de protetor.

— Não duvido! Mas foi espetacular! — Alexander, riu. — Trouxe um unguento de algas medicinais do meu planeta para queimaduras solares. Em dois dias, estarei de volta ao normal.

Mas só mais tarde, ao olhar-se com mais atenção, notou: estava realmente descorado, como um tecido deixado sob o sol por dias. Para se recuperar, passou um dia inteiro submerso no lago. Enviava notícias a Jorian pelo comunicador:

— Está tudo bem, Jorian. Não se preocupe.

— Tem certeza de que não devemos chamar um médico de seu planeta? — insistiu, ainda aflito.

— Acalme-se, está tudo sob controle. Já passei por algo parecido em Goodles. Vou descansar e amanhã estarei renovado. Foi realmente maravilhoso! — desligou o holomensageiro com um sorriso autêntico no rosto.

As conversas sobre a UPC avançavam de forma gradual. Alexander explicava os mecanismos políticos e sociais da organização interplanetária. Jorian, atento, absorvia cada detalhe e repassava à sua gente, que começava a se entusiasmar com a possibilidade de ajudar outras civilizações. Ainda assim, havia entraves relevantes. Juliet não utilizava dinheiro. A ideia de cobrar ou lucrar era inexistente em sua estrutura social. Como se preparar para receber visitantes em uma sociedade onde construções, acomodações e até mesmo naves espaciais não seguiam o conceito de mercado? Tudo isso precisava ser repensado.

Alexander compreendia perfeitamente cada preocupação. Junto de Jorian, buscava soluções viáveis e levava essas questões a outros embaixadores. Um deles, Zustras Askro, continuava recusando o convite para visitar o planeta, sempre com uma nova desculpa. Os dois amigos se divertiam com a situação. O canusiano, sempre bem-humorado, preferia fugir do convite.

— Chegou a hora de partir, meu amigo Jorian. Tenho muito a fazer em meu planeta natal — Alexander, já com a pequena valise nas mãos estava pronto para embarcar. — Preparar as eleições, inaugurar a cidade... São tantos compromissos! Mas saiba: este mês aqui foi um dos melhores de minha vida. Estou pronto para continuar meu trabalho.

— A alegria foi nossa. Suas acomodações estarão sempre preparadas para você. Tenha uma boa viagem de volta — Elema, encostou sua testa na de Alexander, em um gesto tradicional.

— Vá em paz, meu amigo. Nos veremos em breve. Estarei em Canopus para a inauguração — completou Jorian, encostando sua testa na de Alexander pela primeira vez.

O embaixador sentiu-se genuinamente tocado. Entre os Jul, esse gesto era reservado àqueles que partilhavam a mesma ressonância interior — uma afinidade de alma. Naquele instante, Jorian o reconheceu como alguém de sua essência. Estavam ligados, eternamente, por amor e amizade.

Despedindo-se com o gesto típico canopulado — duas mãos unidas na horizontal, abrindo-se para os lados — Alexander entrou em sua nave.

— Computador, traçar rota para Canopus — ordenou.

— Rota para Canopus traçada, embaixador.

— Acionar.

A pequena nave verde-oliva, de formato semelhante a um submarino, ascendeu aos céus. Dos ares, Alexander contemplou a lua orbitando o gigante Jordani, até que a nave acionou seus motores de dobra e desapareceu em um lampejo.

---

Dois anos se passaram. A galáxia transformava-se a cada ciclo. A UPC expandia sua influência nos mundos do Núcleo Galáctico, promovendo a exploração pacífica, o multilateralismo e a união entre os povos. A inteligência da organização, sob o comando do Secretário Uriel de Goodles, mantinha olhos atentos sobre os mizzarianos — surgiam aqui e ali, sempre observando de longe, como predadores pacientes. Uriel sabia: era só uma questão de tempo até que atacassem, tentando conter a ascensão da UPC.

Em Canopus, Nova Larantis estava finalmente pronta. A união de tantos povos dera origem a uma cidade moderna e vibrante, erguida sobre as cinzas do desastre anterior. Avanços tecnológicos haviam sido implementados para prevenir novas catástrofes sísmicas. A presidente Jylan Alemiral, recém-empossada, preparava uma celebração de proporções cósmicas para homenagear todos que participaram dessa reconstrução.

Alexander fora confirmado oficialmente como embaixador de Canopus na UPC. Continuava seu trabalho com o mesmo fervor, sempre dedicado. Autoridades de todos os cantos da galáxia — o Presidente da UPC, sua vice, o Chanceler das Embaixadas, líderes planetários — foram convidados. Mas nenhum era tão aguardado quanto o Sábio Conselheiro de Wupor.

O holomensageiro apitou com um som de bolhas estourando em um respirador — Alexander adorava aquele som, mais agradável que o apito padrão. Personalizara todos os alertas com sons marinhos de seu planeta natal. Viu o nome de Jorian no visor e atendeu, afastando os papéis sobre sua mesa e diminuindo a luz ambiente da embaixada.

— Meu bom amigo Jorian! Que prazer imenso! — Alexander, sorria diante da imagem holográfica do sábio conselheiro.

— Alexander, caríssimo amigo. Estou interrompendo algo?

— De forma alguma. Acabei de chegar. Ainda nem comecei a trabalhar nos pads. Pode falar.

— Vim te pedir um pequeno favor. Você conseguiria, junto à UPC, um convite para um amigo meu que deseja conhecer mais sobre a organização? Ele é de Wupor, um planeta com o qual mantemos relações diplomáticas. Conversamos bastante sobre a UPC, e ele demonstrou grande interesse.

— Com mil oceanos, Jorian! Você está quase se tornando embaixador da UPC! Claro que consigo. Confirme com ele. Será uma honra para Canopus e para toda a organização recebê-lo! Me envie tudo: necessidades ambientais, dieta, informações logísticas... tudo o que for preciso para organizarmos a recepção.

— Combinado! O nome dele é Elmirngrym Sur, o Sábio Conselheiro de Wupor. Ficará extremamente feliz com o convite. Um grande abraço, Alexander!

— Outro para você, meu irmão de estrelas!

Jorian encerrou a chamada no pequeno holocomunicador que Alexander havia deixado em sua casa. Ao receber a notícia, o Presidente Cardan Varlen e o Chanceler das Embaixadas ficaram entusiasmados. Wupor era conhecido como o berço de uma civilização antiga e profundamente evoluída. A presença do Sábio Conselheiro representava uma nova possibilidade de aliança. A galáxia, mais uma vez, dava um passo em direção à comunhão.

---

Canopus estava em festa. O novo Palácio Presidencial transbordava de visitantes e nativos. Música, celebrações, apresentações de *yulunga* — a dança-luta ancestral dos Yulungs — reuniam convidados de todos os cantos da galáxia. A cidade estava oficialmente inaugurada. E a grande atração daquela noite era o Sábio Conselheiro Sur: um imponente ser de pelagem espessa e acinzentada parecido com um urso. Tinha quase dois metros e dez de altura, um corpo maciço e uma cadência deliberadamente lenta tanto nos movimentos quanto na fala arrastada. Não usava trajes convencionais, apenas adornos metálicos reluzentes nos braços e pernas. Duas longas tranças pendiam próximas às bochechas, destacando ainda mais sua presença. Mas o que mais chamava atenção era seu andar — parecia mover-se em outro padrão de tempo, pesado e meticuloso.

Apesar do tamanho intimidador, Sur era bonachão, conversador e, notoriamente, guloso. Provou de tudo no banquete — e um pouco mais. Era requisitado por todos, mas seu comunicador embutido no cajado o ajudava a gerenciar as conversas com gentileza. Às vezes se perdia em um pensamento ou comentário, mas sempre voltava ao ponto em que parara, como se houvesse congelado o tempo.

— Ele realmente é surpreendente — comentou Alexander, sentado ao lado de Jorian, enquanto observavam Sur conversar com o Presidente da UPC, Cardan Varlen.

O presidente, um antariano de olhos verdes e cabelo amarelo-palha com uma mecha branca caindo sobre a testa, parecia uma criança ao lado do wuponiano.

— Eles são mesmo impressionantes — respondeu Jorian, igualmente fascinado com o diálogo à sua frente. — E você ainda não viu o nível de inteligência deles. O que construíram é simplesmente extraordinário.

— Desculpe interromper. Posso tirar meu pai um pouco para dar uma volta?

Amber se aproximara silenciosamente, materializada em sua forma sólida. Estava vestida com o uniforme de gala de um cadete da Frota Branca, elegante e simbólico. Jorian franziu levemente o cenho ao ver a roupa.

— Claro, minha querida. Deve estar sentindo falta do pai depois de dois anos longe — Alexander, levantou-se para cumprimentá-la com um leve gesto de respeito.

Depois, afastou-se para conversar com outros embaixadores. Jorian ofereceu o braço à filha e os dois caminharam pelo terraço do palácio. A nova cúpula reluzia acima deles, e, ao longe, a cidade ainda em construção se expandia. O horizonte verde-água completava o cenário majestoso.

— Já imagino o que é. A roupa é uma dica importante — Jorian, se recostou com ela junto ao parapeito.

— Sim, é uma dica e tanto — Amber fez uma careta. — Fiz os testes para a Academia da UPC e fui aprovada há três meses. Agora sou cadete. Começarei pelo curso preparatório e depois seguirei direto para a patente de sargento. Vou estudar na Academia Médica, mas também estou considerando a Academia de Comando.

Ela observou o pai atentamente. Não sabia ao certo como ele reagiria. Elema, sua mãe já sabia — haviam conversado horas antes —, mas Jorian sempre fora mais reservado.

— Minha filha... — Jorian encostou a testa na dela, gesto profundo entre os Juliet, sinal de aceitação e bênção — ...é sua escolha, minha querida. Se isso lhe faz bem, não tenho nada a dizer além de desejar-lhe sorte em sua caminhada. Eu mesmo teria seguido esse caminho, não fossem minhas obrigações como Conselheiro-Chefe. Sempre sonhei em conhecer outras civilizações. Talvez eu a tenha passado esse sonho.

Amber sorriu, emocionada.

— Claro que passou. Suas histórias, sua paixão pelos densos... isso me influenciou profundamente. Mas também ver essa união de raças, todos ajudando uns aos outros... isso me chamou. Sei que há guerra, violência e incompreensão, mas se não lutarmos contra isso, a escuridão crescerá. Racismo, intolerância, ódio... não podemos deixar que germinem. Somos um exemplo de que diferentes povos podem viver em paz. Quero representar nosso povo nesse esforço. Por isso é tão importante que Juliet esteja com a UPC. Somente unidos podemos combater essa sombra terrível que quer apagar a luz do saber e da comunhão.

Jorian sentiu-se tomado por um orgulho sereno. Sua filha estava destinada a algo maior que qualquer Jul já havia feito. Tocou-lhe o rosto com carinho, pousou a mão sobre a insígnia da Flor de Lis — símbolo da Frota Branca — e recuou para admirar melhor sua figura.

— Você está linda nesse uniforme. E acredito que o de capitã vai lhe cair ainda melhor.

Amber fez uma pose teatral, arrancando um riso do pai, e o abraçou. Seu sonho começava a se realizar. E, em silêncio, Jorian soube que o dele também. Era hora de Juliet tomar sua decisão.

— Muito obrigado pela presença, Presidente Varlen. A ajuda da UPC na reconstrução de Larantis foi fundamental — Alexander, cumprimentou-o com entusiasmo sincero.

— Não há o que agradecer, embaixador. Somos todos companheiros aqui — Varlen, com seu habitual tom calmo e firme mostrava segurança. — Agradeço também ao Conselheiro-Chefe Rot por suas palavras no discurso. Estou ansioso por uma resposta oficial do Conselho Juliet quanto ao convite que fizemos esta noite.

— O convite será discutido na próxima reunião, senhor presidente. E tenho esperança de que teremos boas notícias — Jorian estava cauteloso, mas otimista. O clima era favorável.

A equipe do presidente despediu-se. O teleporte os levou de volta à *UPC Ragnarok*, com destino a Goodles, a capital da UPC.

— Acha mesmo que o conselho aceitará? — Alexander ainda tinha algumas dúvidas.

— Acredito que sim. Claro, precisaremos de apoio para nos adaptar a um mundo de densos — Jorian, já visualizava os próximos passos. — Mas mudando de assunto... minha filha entrou para a Academia da UPC.

— Percebi o uniforme de cadete. Elema e você, estão tranquilos com isso?

— Somos pais, Alexander. Nos preocupamos, é claro. Ainda mais com ela entre os densos. As ressonâncias negativas podem nos ferir... mas Amber está trilhando seu caminho. Quer ajudar. E como poderíamos negar nossa própria essência? Ela representa o melhor de nós. Tenho certeza de que se destacará.

— Mesmo assim, vou ficar de olho nela — prometeu Alexander.

Jorian segurou-lhe as mãos e tocou sua testa à dele — Demonstrando seu profundo laço de confiança com o amigo.

— Sei que ela estará em boas mãos.

---

Dias depois, em Juliet, Jorian se dirigiu à população e ao Conselho: — Queridos cidadãos de Juliet. Trago a vocês, neste dia auspicioso, o convite formal do Presidente da UPC, Cardan Varlen, para nos tornarmos membros plenos da União dos Planetas Confederados. Sei dos desafios que isso representa — e todos foram apresentados aos embaixadores e ao próprio presidente. Mas recebemos garantias de que soluções serão encontradas sem que nossa cultura ou modo de vida sejam violados. Permaneceremos autônomos. No entanto, podemos fazer mais: podemos apoiar outros mundos.

— O Sábio Conselheiro de Wupor, Elmirngrym Sur, esteve comigo em Canopus e saiu profundamente impressionado com a organização. Chegou a hora de decidirmos: permaneceremos isolados, observando de longe uma galáxia à mercê do ódio e da intolerância? Ou agiremos para proteger e curar, como é de nossa natureza?

— Minha filha, Amber — agora a primeira Juliet na UPC — me disse ao contar sobre sua aprovação na academia: “Somente unidos podemos lutar contra essa sombra terrível que quer apagar a luz do saber e da comunhão.” Essas palavras resumem o que nosso código de honra sempre ensinou. A decisão agora está em suas mãos.

O orador do Conselho assumiu o púlpito.

— Aqueles que votam pela adesão à UPC, levantem a mão direita.

Inicialmente tímido, o gesto logo se espalhou. Um por um, todos os braços se ergueram. A decisão foi unânime.

Na embaixada canopulana, o holomensageiro soou o conhecido som de bolhas. Alexander sorriu ao ver quem chamava.

— Meu amigo Jorian!

— Meu honrado amigo, Alexander. Quis avisar-lhe antes de qualquer um: o Conselho decidiu pela adesão. Por unanimidade.

— Que notícia maravilhosa! Você será o embaixador de Juliet na UPC?

— Não. Continuarei como Conselheiro. Mas já tenho em mente quem assumirá esse papel. Agora preciso anunciar a decisão ao presidente.

— Estarei presente na cerimônia de adesão. Mas, por favor, nada muito grandioso — Alexander, previa a preocupação do amigo.

— Exatamente. Queremos algo simples, como nosso povo.

Jorian despediu-se com um sorriso e iniciou a chamada oficial ao presidente.

Do gabinete no 26º andar da sede da UPC em Hedén, Cardan Varlen recebeu a ligação. A imagem do busto de Jorian apareceu, mas, pela primeira vez, o presidente o viu em sua forma espectral.

— Conselheiro, é um prazer revê-lo.

— Igualmente, senhor presidente. Trago boas novas: aceitamos o convite. Contudo, há pontos a alinhar.

— Quais seriam?

— Como expliquei anteriormente, somos seres não físicos. Para que possamos nos unir à UPC, será necessário adaptar instalações e sistemas para que os densos possam interagir conosco. Esses e outros detalhes serão apresentados em uma carta de intenções.

— Acredito que encontraremos um bom equilíbrio, Conselheiro. Seu povo e sua cultura serão um grande enriquecimento para todos nós. O Chanceler das Embaixadas visitará seu planeta para discutir as necessidades e redigir os acordos preliminares.

— Esperarei. Até nosso próximo encontro.

Ao encerrar a chamada, Jorian sentiu-se mais calmo. Estava feito. Elema surgiu suavemente atrás dele e tocou-lhe o ombro.

— Está feito?

— Sim, está. Agora... o futuro nos espera.

---

Seis meses depois, finalmente chegara o dia. A construção de um prédio na cidade de Bubilas, sob a supervisão da UPC, causara grande alvoroço. A chegada de operários, equipamentos e máquinas trouxe um movimento inédito à cidade. O edifício foi batizado de *Concordia*, o primeiro passo na integração de Juliet. Ali seria instalado o centro de apoio dos densos no planeta.

O planeta, por sua vez, seria protegido por uma frota própria de naves — construídas localmente, mas operadas por oficiais densos da UPC. Essa frota se somaria à já existente Frota Branca. A partir daquele momento, naves sem identificação não poderiam mais pousar no planeta sem autorização expressa do Conselho, e nenhuma criatura seria abatida sem relatório às autoridades Juliet.

O *Concordia* foi construído em apenas cinco meses. Era um belo prédio de arquitetura fluida, projetado para se harmonizar com as construções etéreas da capital — o primeiro edifício sólido, e por isso mesmo, deveria refletir a essência de Juliet. Abrigaria todas as representações da UPC no planeta, bem como os escritórios do governo local destinados à diplomacia interplanetária. Até o Conselheiro-Chefe ganharia uma sala própria, onde poderia receber embaixadores e chefes de Estado.

Jorian acompanhara toda a construção com atenção silenciosa. Sentia-se fascinado com a capacidade dos densos de erguerem estruturas físicas com tamanha rapidez. Construir algo etéreo demandava esforço e energia — por isso Juliet sempre fora uma cidade rarefeita, feita de presença e intenção, não de matéria.

Quando o prédio ficou pronto, muitos Jul se aproximaram para contemplá-lo. A maioria aprovou, achando-o belo; outros, porém, o consideraram estranho e mantiveram distância. Os primeiros funcionários da UPC logo chegaram, assumindo postos e iniciando projetos. As naves desenhadas por Alexander — com design aprovado por uma junta de conselheiros — começavam a tomar forma. Cadetes faziam estágios em campo. Médicos e psicólogos também vieram. Visitar as campinas se tornara parte do treinamento.

Amber, agora plenamente envolvida, enviava notícias sempre que podia — fascinada com a vida no espaço, os estudos e os densos. O dia da assinatura se aproximava, e Jorian sentia a tensão crescendo dentro de si. Preparava tudo com o habitual esmero. O nome do futuro embaixador já estava escolhido, mas ele o manteria em sigilo até o fim. Queria esperar o momento exato.

Na data esperada, os convidados começaram a chegar cedo, instalando-se nos aposentos do *Concordia*. O presidente Cardan chegou na *UPC Ragnarok*, comandada pelo Capitão Muriell.

— Bem-vindo ao meu planeta, Capitão — disse Jorian, recebendo o velho conhecido desde os eventos em Canopus.

— Obrigado, Conselheiro. O senhor já conhece minha tripulação, mas preciso apresentar o Major Spike Pollux, chefe de segurança da presidência — apresentou Muriell, indicando o canusiano esguio, de pelagem amarronzada e orelhas em pé.

— Bem-vindo, Major.

— Conselheiro, estou fascinado com a paisagem de seu planeta. Um mundo de vários aspectos... ou espectros — sorriu tenso da própria piada. — Ainda assim, acho que vou precisar de algum tipo de comprimido para não me assustar.

Jorian permaneceu impassível.

— Major, talvez seja melhor permanecer apenas no *Concordia*. Não recomendo que se aventure pela capital.

— Talvez, talvez... — murmurou Pollux, um tanto sem graça. Muriell, percebendo o clima, interveio com tato:

— Major, o presidente será teleportado em breve. Creio que deveria acompanhá-lo.

— Claro. Até mais, Conselheiro. Vou seguir seu conselho! — despediu-se Spike, ainda perturbado com a ideia de ver fantasmas.

— Desculpe-o, Conselheiro — Muriell estava visivelmente constrangido.

— Não se preocupe, Capitão. Já lidei com outros canusianos. O embaixador Zustras está no mesmo estado. Sejam todos bem-vindos — concluiu Jorian, afastando-se e dirigindo-se ao teleporte, onde Zustras e Spike suavam de nervosismo.

— Acionar — ordenou o Comandante Gar, e todos foram teleportados para o saguão principal do *Concordia*.

Spike abriu um olho com cautela. Não havia fantasmas — apenas cadetes e funcionários da UPC. Esbarrou no embaixador Zustras, e ambos riram da própria ansiedade.

— Vou cuidar da segurança — Spike afastou-se com rapidez.

Com tudo preparado, a cerimônia seria simples: sem discursos, apenas a assinatura, com poucos convidados presentes. A segurança estava reforçada por ordem do conselheiro Uriel, chefe da Inteligência da UPC, além de Pollux, como responsável direto pela proteção do presidente.

Jorian vestiu-se com simplicidade e seguiu para o *Concordia*. Foi recepcionado por funcionários e conduzido à sua sala, de onde se via o lago. Dependendo da luz, era possível avistar Bubilas ao longe. Sobre sua mesa repousavam documentos, pads e um holoretrato de sua família — especialmente feito para ele por um funcionário da comunicação da UPC. Tomou a imagem nas mãos, contemplando-a. Um gesto pessoal... num dia histórico.

Os convidados foram chegando: embaixadores de Antares, Capela, Goodles, o alto escalão da UPC, o chanceler das embaixadas, o presidente Varlen, o capitão Muriell Angellus, e outros. Alexander foi recebido com um cumprimento tradicional Juliet. Zustras Askro, Uriel e demais autoridades tomaram seus assentos. O tomo de capa azul, com detalhes em branco e amarelo, repousava sobre a mesa. Os documentos estavam traduzidos para todas as línguas dos planetas-membro. Jorian aguardava.

Varlen entregou-lhe uma caneta-laser com um leve sorriso. Jorian a tomou com reverência. E então, começou a assinar.

Foi quando um som estranho irrompeu do lado de fora. A porta da sala se abriu bruscamente. Pollux entrou, rifle em punho, apontando para a grande janela de vidro. Um veículo voador não identificado surgira — atirando.

Alexander tentou se abaixar quando a janela se espatifou em mil pedaços reluzentes e estilhaços quentes arranharam seu rosto enquanto se jogava no chão. O barulho ensurdecedor da aeronave do lado de fora, abafou os disparos do armamento laser que cuspia rajadas amarelas para dentro da sala. O cheiro de ozônio e metal queimado invadiu suas narinas. Através da fumaça, viu a forma de Jorian vacilar na cadeira perfurada pelos tiros, não como um corpo caindo, mas como uma chama sendo soprada, e um pânico gelado, mais profundo que a fenda de Larantis, tomou conta de seu coração. Zustras ferido no ombro, se arrastava para longe da janela. Elmirngrym Sur com sua imensa força virou a mesa, como se fosse de papel, fazendo dela um escudo para os outros.

- Abaixem-se, abaixem-se! - Gritava Alexander em desespero. Ao ver Jorian caído no chão, a cadeira e a mesa salpicada de pontos pretos de laser que a queimou, não teve dúvidas em correr até ele.

Uriel se concentrava em uma magia de proteção, suas mãos brilhavam e um domo de energia cobria a todos, mal se importando com os tiros de laser que queimavam seu corpo.

Jorian apenas ouviu um cântico agudo, quase um assobio, e então os disparos de laser perfuraram sua forma ectoplasmática. Pollux devolvia os tiros; Muriell abria as asas num salto veloz.

— Jorian! Jorian! Está me ouvindo? — Alexander o segurava no chão, aflito.

Ao redor, Uriel criava um domo de energia que os protegia. A pequena nave disparava contra a janela.

— Não, Jorian... por favor, não! — Alexander implorava, enquanto os outros se protegiam. Muitos feridos. Ninguém morto. Mas Jorian era o alvo.

Sirenes. Alarmes. O caos. Jamais sentira tal sensação: era como se estivesse desaparecendo.

Médicos Juliet chegaram depressa. Levaram-no em uma maca espiritual, seu corpo oscilando entre o espectral e o sólido, como se ele mesmo tivesse esquecido qual era sua verdadeira forma. Alexander os acompanhou. Elema o encontrou lá, deitado, com outros Juliet ao redor. Amber chegou logo em seguida. Sem hesitar, aplicou tratamentos destinados a corpos densos no próprio pai.

— É a única maneira. Testei várias vezes em mim. Posso salvá-lo. Sei que posso — disse, enquanto abria espaço para os últimos raios do sol de Juliet. — Pai! Me escute. Firme sua mente na forma espectral. Volte para nós. Ainda não é hora. Aqui, você está em harmonia. Sinta a mamãe, sinta Alexander... me sinta. Firme sua presença!

Ela sussurrava. E então, a luz de Karata, ao tocar seu rosto, devolveu-lhe o fôlego. Sua forma espectral retornou, ainda tênue, mas estável. Estava cansado, mas fora de perigo.

Alexander soltou o ar num suspiro de alívio, enxugando as lágrimas. Elema ajoelhou-se, acariciando-lhe os cabelos.

— Foi por pouco, Embaixador Bloop. O que aconteceu? — perguntou Amber, preocupada.

— Não sei. Um veículo voador estranho apareceu e atirou contra nós. Seu pai estava de costas para a janela — a lembrança do momento deixava Alexander confuso.

E então, uma explosão iluminou os céus de Juliet.

A Batalha de Cassiopeia havia começado.